

As propostas nacionalistas na cultura brasileira foram inspiradas, num primeiro momento (o do romantismo), em idéias francesas. Num segundo momento (o do modernismo), manteve-se a abertura à cultura francesa, mas de modo "antropofágico". Num terceiro momento (o pós-guerras), um nacionalismo continental, visando à união da América Latina, opôs-se a tudo o que fosse estrangeiro. Entretanto, as marcas francesas tinham sido impressas e assimiladas em nossa cultura, de modo a não se poder mais distingui-las do que seria "autenticamente nacional". E, num quarto momento (o nosso), a adesão ou o repúdio à França perderam, na prática, sua função.

Roberto Moisés, Cejiz

Viaje à noite Neoliberalismo

4. Machado de Assis e Borges: nacionalismo e cor local*

As afinidades entre Machado de Assis e Jorge Luis Borges têm sido ocasionalmente assinaladas por críticos que buscam uma visão integrada das literaturas latino-americanas. O primeiro a estabelecer esse paralelo foi Emir Rodríguez Monegal, que desde 1972 apontava as *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) como um romance revolucionário, precursor do "novo romance" latino-americano do século XX e, em particular, antecipador "das mais audazes interpretações de Borges sobre a relação entre o autor, a obra e o leitor".¹ Essa avaliação se encontra disseminada em outros pontos da obra de Rodríguez Monegal e foi recentemente retomada e desenvolvida por Earl F. Fitz.²

Não pretendo aqui apontar semelhanças entre as obras ficcionais dos dois escritores, mas entre determinados textos teórico-

*"Machado de Assis y Borges: nacionalismo y color local". Publicado em *Cuadernos hispanoamericanos* n.º 618, Madrid, dez. 2001. Em português, foi incluído em Jorge Schwartz (Org.), *Borges no Brasil*, Unesp — Fapesp — Imprensa Oficial, 2000, pp. 101-4.

28/5/12
10,91

producido obras admirables — me apresuro a repetirlo — es un género literario tan artificial como cualquier otro.

Vejam os, ponto por ponto, os argumentos levantados por Machado de Assis e por Borges para recusar os excessos nacionalistas. A argumentação de Machado de Assis se baseia no pressuposto universalista expresso logo no início de seu texto: “Tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe”. Disso decorre que considerar a temática indianista como patrimônio exclusivo da literatura brasileira é um erro equívale a de rejeitá-la. Aliás, observa ele, a temática indianista é “um legado tão brasileiro como universal” e, assim sendo, não deve ser a única fonte de inspiração dos escritores nacionais. “Não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que nos empobreçam”, aconselha o escritor.

Borges também se opõe a esse empobrecimento temático:

Los nacionalistas simulan venerar las capacidades de la mente argentina pero quieren limitar el ejercicio poético de esa mente a algunos pobres temas locales, como se los argentinos sólo pudiéramos hablar de orillas y estancias y no del universo.

A reivindicação universalista de Borges vai além da simples declaração de princípio de Machado de Assis, em razão de evidentes diferenças de época e de temperamento. Borges considera que não apenas os latino-americanos têm direito aos temas universais (“*debemos pensar que nuestro patrimonio es el universo*”), mas, por sua constituição histórica, têm mais direito à tradição ocidental do que os próprios europeus: “*Creo que nuestra tradición es toda la cultura occidental, y creo también que tenemos derecho a esta tradición mayor que el que pueden tener los habitantes de una o otra nación occidental*”. Machado de Assis não vai tão longe, mas a declaração de princípios é a mesma.

Esse universalismo dos dois escritores não é, em nenhum deles, um desenraizamento, uma perda da identidade nacional. Para o primeiro, o que liga fatalmente um escritor a sua nação é “certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e de seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Note-se o uso feito pelo escritor das palavras “instinto” e “sentimento”. O “instinto” da nacionalidade é aquele afã primário e superficial de ser ostensivamente brasileiro, que ele atribui a uma “opinião mal formada ainda” e à falta, no Brasil, de uma crítica literária “ampla” e “elevada”. O “sentimento” da nacionalidade, pelo contrário, é a vivência da mesma como inerente ao indivíduo de determinada terra e que ele não necessita cultivar como escritor. Borges, de modo análogo, considera que “*ser argentino es una fatalidad y en ese caso lo seremos de cualquier modo, o ser argentino es una mera afectación, una máscara*”.

A argumentação dos dois escritores segue por caminhos semelhantes. Para comprovar que a nacionalidade de um escritor não reside em sua temática, Machado de Assis dá exemplos de grandes escritores que trataram de temas estrangeiros e, nem por isso, deixaram de encarnar suas nações de modo indiscutível:

Perguntarei simplesmente se o Autor de *Song of Hiawatha* [Longfellow] não é o mesmo Autor da *Golden Legend*, que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admirável é; e perguntarei mais se o *Hamlet*, o *Otelo*, o *Julio César*, a *Julietta* e *Romeu* [sic], têm alguma cousa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.

Borges argumenta com um exemplo semelhante e outro idêntico:

nas, os *gauchos* nem os *compadritos*; tendo alcançado a maturidade pessoal e artística, reconhece-os como formadores de sua identidade, mas não como temas exclusivos ou prioritários.

Como explica o autor, no próprio ensaio em questão, sua libertação e o conseqüente abandono da referencialidade explícita ocorreram no ano anterior, ao escrever o conto "La muerte y la brújula" [A morte e a bússola], espécie de pesadelo em que os bairros de Buenos Aires aparecem deformados e des-localizados pelo emprego de designações estrangeiras, como rue de Toulon e Tristele-Roy. Ora, diz ele, "*publicada esa historia, mis amigos me dijeron que al fin habian encontrado en que yo escribia el sabor de las afueras de Buenos Aires*". Machado de Assis, como o crítico francês que ele cita, diria que Borges havia encontrado sua argentinidade interior. A questão da identidade "exterior" e "interior" seria tratada por Machado de Assis alguns anos mais tarde, num conto de 1882, "O espelho". Trata-se de um militar que só se vê nitidamente refletido num espelho quando veste sua vistosa farda, que constitui sua "alma exterior": "Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro", explica o narrador. Há casos, comenta ele, "em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira".

O que aqui nos interessa, nesse famoso conto de Machado de Assis, é chamar a atenção para o fato de que ele aí coloca o patriotismo como uma alma exterior que, embora "enérgica e exclusiva", não deixa de ser postiça: "[...] certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria" — exemplifica o narrador com certa irreverência, tanto no que diz respeito à própria pátria, como no que concerne ao grande épico da língua portuguesa. Fica evidente que Machado de Assis não se sente atraído por essa "alma" exclusiva e absorvente, o que o leva a duvidar, implicitamente, do patriotismo suicida de Camões: "*disse o Camões que morria*". Quanto à simples referencialidade geográfica e social, o

romancista a considera com certo desdém. No ensaio de 1873, encontramos comentários sobre a produção literária contemporânea: "Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de análise, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita página instrutiva". Esse tipo de observação e de análise, puramente sociológica, lhe parece útil apenas como documento para a instrução de estrangeiros, ou seja, guia para turistas. Em contrapartida, o tipo de romance por ele almejado ainda é quase inexistente:

Do romance puramente de análise, raríssimo exemplar temos, ou porque a nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras ainda incompatível com nossa adolescência literária.

Das duas razões invocadas por Machado, tributárias do determinismo evolucionista de seu tempo, a primeira pode parecer verdadeira, já que mais de um século depois dessas palavras o romance de análise ainda é uma raridade na literatura brasileira. Mas tendo sido justamente ele quem deu à literatura brasileira, num momento subseqüente, o grande romance de análise que lhe faltava, a segunda razão (adolescência literária) se mostra inconsistente, tanto pelo fato do aparecimento de sua ficção naquele momento, quanto pelo fato de não se poder dizer que o romance brasileiro "evoluiu" ou "amadureceu" depois dele, ou comparado com ele. Excluídas essas injunções temporais do discurso machadiano, fica-nos como pertinente para nossas considerações o fato de sua argumentação implicar sempre o princípio de uma "alma interior" e de uma "alma exterior", sendo a primeira despojada, não da nacionalidade, mas das insígnias nacionalistas.

O nacionalismo cultural repousa sobre paradoxos: O primeiro consiste em desejar uma pureza originária e sem contaminações, quando toda e qualquer cultura se desenvolve no contato com outras

ros dias de la creación; el hecho de buscar temas y procedimientos europeos es una ilusión, un error; debemos comprender que estamos esencialmente solos, y que no podemos jugar a ser europeos. Esta opinión me parece infundada.

O paradoxo maior, que Machado de Assis não aponta, ou por não lhe ter ocorrido, ou por não desejar dar a seu artigo um tom mais polémico, consiste no fato de que a própria temática indianista, com seus enfeites de cor local, foi incentivada no Brasil pelos franceses Ferdinand Denis e Eugène de Monglave, que aconselharam nossos poetas e romancistas a seguir os caminhos abertos por Chateaubriand em *Atala*. O nacionalismo literário ele mesmo é uma criação romântica européia. Paradoxo que não escapa a Borges, e que ele, com um humor feroz e irrespondível, aponta num dos momentos mais felizes (e por isso dos mais freqüentemente citados) de seu ensaio: “*El culto argentino del color local es un reciente culto europeo que los nacionalistas deberían rechazar por foráneo?*”

Os ensaios de ambos os escritores contêm considerações acerca da língua. As de Machado de Assis são bastante convencionais. Lamentando que “entre os muitos méritos de nossos livros nem sempre figur[e] o da pureza da linguagem”, o futuro fundador da Academia Brasileira de Letras condena os “solecismos” e a “excessiva influência da Língua Francesa”. O escritor admite as inovações, contanto que essas “alterações da linguagem” se efetuem com cautela, ao longo do tempo e impondo limites à influência popular. Para os leitores de hoje, não é este o trecho mais interessante de seu ensaio. Mas a posição conservadora do escritor com relação à língua é perfeitamente conforme à sua prática da mesma, ao seu estilo sintético, incisivo, gracioso, rico em subentendidos, em suma, um estilo perfeitamente clássico.

As inovações de Machado de Assis estão em sua forma de narrar, no seu trato com o leitor, no cultivo moderno das ambigüidades

e do sentido suspenso, e não na invenção verbal propriamente dita. Como em Borges, diríamos. A questão da língua também foi longamente refletida pelo escritor argentino que, segundo Jorge Panesi:

“[Borges] siente su idioma español como un destino minusválido, como el rosco sedimento de una cultura cuyo élan literario se cierra, sin reabrirse, en las magnificencias verbales del siglo de oro; expansiones literarias de la lengua que son aceptadas para, inmediatamente, ejercitar sobre ellas una crítica feroz.”

Colocadas as posições dos dois escritores, que tinham algo ou muito de polémico em suas respectivas circunstâncias, mas que hoje nos parecem esteadas em pontos pacíficos, podemos acrescentar outra consideração. As primeiras reflexões latino-americanas acerca da identidade cultural, no século XIX, se revelaram a partir da relação com a Europa. No século XX, essa reflexão se desenvolveu sobretudo em termos de mestiçagem cultural. O “nacionalismo mestiço” é outro, e maior, paradoxo. Pode haver identidade, como separação do Outro, num processo de mestiçagem?

Ora, no que concerne a nossos dois autores e seus notáveis ensaios, fica evidente o universalismo europeísta de ambos. Ser universal, para ambos, é sobretudo ser ocidental, o que é perfeitamente coerente com o fato de que a própria valorização do universalismo é um traço da cultura ocidental. Machado de Assis, embora mulato e pertencente a uma sociedade mestiça, era casado com uma portuguesa, fez uma carreira “de branco” e, sobretudo, viveu num momento histórico em que ainda não se levantava a questão do negro em termos de contributo cultural. Borges, numa sociedade predominantemente branca, reivindicava uma identidade cultural múltipla, resultante de uma combinatória pessoal única e, em certa medida mítica, mas predominantemente européia.

O europeísmo dos dois escritores é assumido sem deixar de

mental entiendo que se trata de una apariencia, de un simulacro, de un pseudoproblema.

Ambos os escritores são finos cultores da ironia, justamente aquela que falta aos nacionalistas; uma falta de ironia decorrente de sua incapacidade de distanciamento e de seu apego a uma mitologia metafísica que conduz à guerra, ou simplesmente ao ridículo.

A ironia, diz Terry Eagleton, deveria impor-se em qualquer reflexão acerca do nacionalismo, na medida em que este depende da existência do oponente estrangeiro: “Todas as políticas oposicionais [...] se movem sob o signo da ironia, reconhecendo-se como inelutavelmente parasitárias de seus antagonistas”. Difícil de cultivar no terreno político, a ironia encontra um campo de ação privilegiado na literatura. É o que Eagleton exemplifica com a obra de Joyce. *Ulysses* é caracterizado como “uma solução estética para contradições históricas”. Segundo ele, “a contribuição de Joyce à Irlanda foi a de inscrevê-la no mapa cosmopolita”. Em *Finnegans Wake*, Joyce vai ainda mais longe, confundindo anarquicamente todas as identidades. Entretanto, observa Eagleton, “de qualquer maneira, a mediação dialética é rompida: o imediato e o universal estão ambos tão comicamente próximos que não podem ser separados”.¹¹

Como o escritor irlandês, e cada um à sua maneira, Machado de Assis e Borges encenaram ironicamente, em suas obras ficcionais, o inextricável paradoxo do nacionalismo. Enquanto os escritores menores cedem ao provincialismo ou, inversamente, à imitação e à influência, os maiores tecem um intertexto irônico, em que os elementos estrangeiros e os locais produzem uma combinatória inédita, que engrandece tanto a literatura nacional como a internacional.

5. Castro Alves e o aplicativo Victor Hugo*

É conhecida e indiscutível a influência exercida por Victor Hugo sobre Castro Alves. Nosso poeta admirava Hugo mais do que qualquer outro poeta romântico francês. Traduziu-o, glosou-o, louvou-o: “Velho Hugo — Mestre do mundo! Sol da eternidade!”.

Meu objetivo, aqui, é examinar um fenômeno intertextual que tem sido menos observado e que consiste na assimilação dos textos de um grande poeta, pertencente a uma literatura hegemônica, por outro, mais jovem e pertencente a uma literatura ainda emergente. Trata-se, para o segundo poeta, de uma educação escritural, de uma impregnação que vai além da influência, se considerarmos a influência apenas como a imitação tópica de temas e procedimentos poéticos, que se encontra nos poetas menores.

Castro Alves introjetou de tal maneira a inspiração e o enge-

*Conferência pronunciada no evento “Perspectivas da literatura francesa: 200 anos de Victor Hugo”, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em maio de 2002.